



MULHERES

Carol Rossetti



CHÁDASCINCO

Uma chancela da Saída de Emergência

Introdução

O projeto *Mulheres* foi uma das coisas mais incríveis que já me aconteceram. Quando dei início a uma produção pessoal de ilustrações para me obrigar a fazer um desenho por dia, não imaginei o que estava por vir. Centenas de pessoas identificaram-se com as mulheres que eu criava, e a minha página do Facebook tornou-se um ambiente onde mulheres de todo o mundo trocam ideias.

Muita gente me pergunta se me considero feminista, e eu respondo sempre que sim. Só que isso parece-me um pouco vago atualmente. Existem várias vertentes dentro do feminismo e tantas formas de lutar contra a opressão que a palavra se tornou muito abrangente. Sim, identifico-me como feminista, mas acho importante explicar como entendo o movimento e a forma que escolhi para contribuir com essa luta.

Identifico-me mais com o feminismo interseccional, o que significa que eu não acho que seja suficiente lutar apenas contra o machismo propriamente dito. Acredito que a luta só é eficiente se for inclusiva e constituir um ambiente seguro para todas as mulheres, e, para isso acontecer, é preciso levar outras questões em consideração e considerá-las parte inseparável do feminismo. Pessoas de várias etnias devem ser incluídas e o racismo deve ser combatido. Pessoas com necessidades especiais devem ser incluídas e os desafios que elas enfrentam devem ser levados em consideração. Pessoas trans devem ser incluídas e a transfobia tem de ser repudiada. Pessoas homossexuais, bissexuais, pansexuais e assexuais devem ser incluídas e a diversidade sexual deve ser defendida. Pessoas pobres, famintas, sem-abrigo, analfabetas devem ser incluídas, e a



desigualdade social deve ser combatida. Pessoas com doenças mentais devem ser incluídas e o estigma que elas carregam também deve ser colocado em questão.

A representação é uma questão muito debatida dentro do feminismo. Quão ampla deve ser? Quem o feminismo deve incluir ou excluir? Quem pode, de facto, dizer como essa luta deve ser conduzida? Os homens devem ser ouvidos também? As pessoas devem ser mais ou menos ouvidas dependendo de quão oprimidas sejam?

Não tenho uma resposta pronta para essas questões. Não sou a pessoa que vai determinar o que é ou não é feminismo: eu tenho uma voz, mas não sou a voz do movimento. Eu falo apenas sobre como decidi lutar por um mundo melhor através do meu trabalho e ressalto que o meu modo não é a única maneira válida de luta.

Um dos meus autores preferidos, José Saramago, uma vez disse: “Aprendi a não convencer ninguém. O trabalho de convencer é uma falta de respeito, é uma tentativa de colonização do outro.” Creio que seja uma das coisas mais sábias já ditas e também das mais difíceis de serem aprendidas. O que proponho é isto: vamos conversar e aprender uns com os outros, mas sem colonizar o próximo.

A minha abordagem é sempre inclusiva. É claro que muitas pessoas não foram representadas no meu trabalho, e eu não tenho a pretensão de trazer sozinha a visibilidade necessária a toda a gente. Mas faço o possível para representar pessoas diversas e inspirar outros a também ampliarem a representação do ser humano nos seus trabalhos.

Quanto às questões que abordo, procuro tratar de temáticas variadas. Nem sempre as ilustrações serão socialmente relevantes em todos os contextos. Um tema pode ser ao mesmo tempo um questionamento



ousado em alguns países e algo trivial noutra lugar. O projeto tornou-se internacional, e portanto nem todos os assuntos são pertinentes a todas as culturas. Ainda assim, é interessante que possamos conhecer outras realidades além da nossa.

Algumas mulheres estão numa situação de maior vulnerabilidade do que outras. Mulheres negras sofrem mais violência do que mulheres brancas, mulheres trans sofrem mais violência do que mulheres cis; e uma mulher negra, trans e lésbica vive um desafio diário muito maior. É natural e importante que o feminismo estabeleça prioridades de luta. Eu tento retratar os pontos graves, mas o facto de existirem questões urgentes não significa que outros temas não devam ser também discutidos. Acho importante incluímos as pequenas coisas, aquelas que nem sempre levamos a sério na nossa rotina, mas que incomodam e, no final, são parte de uma questão muito maior de controlo sobre os nossos corpos, comportamentos e identidades. Nenhum incómodo que as mulheres sofram por causa desse controlo deveria ser tratado como tabu.

Como refere o título, optei por desenhar apenas personagens femininas neste projeto. Essa decisão foi, em parte, motivada por uma questão pessoal de identificação. Mas este não é um projeto exclusivo para mulheres nem unicamente sobre mulheres, muito menos sobre todas as mulheres ao mesmo tempo. Nem todas as situações que eu desenho são vividas exclusivamente por mulheres, de forma que convido homens (e gente de quaisquer outros géneros) a identificarem-se e acompanharem também os desenhos diários. Além disso, acho interessante que os homens se identifiquem com personagens femininas. Lembro que, na minha infância, era comum que os filmes, livros e animações protagonizados por personagens femininas fossem vistos como “para raparigas”,

enquanto as histórias com protagonistas masculinos eram “para toda a gente”. Não é por as minhas protagonistas serem femininas que este é um projeto “para raparigas”.

Várias vezes recebi mensagens de homens a dizerem que aprenderam muito com o meu trabalho. Alguns chegaram a dizer que foi através da minha página que perceberam que já tinham sido desrespeitosos com as mulheres e que não cometeriam novamente o mesmo erro. Da mesma forma, recebi mensagens de mulheres a dizerem que se deram conta de que também julgavam as suas irmãs pelas suas escolhas pessoais e, assim, perpetuavam um sistema de controlo sobre a autonomia feminina; e então passaram a repensar os seus próprios comentários.

Acredito que esse seja um efeito muito positivo do meu trabalho, e isso só é possível se as pessoas leigas em relação às discussões dos movimentos ativistas puderem comentar, perguntar, relatar as suas experiências e participar em diálogos construtivos.

Nesse ponto, muitos disseram que eu deveria excluir pessoas da página e apagar comentários ofensivos (e eu cheguei a excluir alguns, de pessoas que foram muito agressivas e desrespeitosas). Mas se eu excluísse todos os que dissessem algo errado por ignorância, somente pessoas já informadas sobre essas lutas permaneceriam na página. Esse não é o objetivo. Eu busco diálogo, discussões, que uns aprendam com os mundos e as experiências de outros. Nós não vamos mudar o mundo se mantivermos o diálogo restrito a um grupo relativamente pequeno de ativistas.

Não acredito que todos tenhamos a responsabilidade de explicar os princípios básicos dessa luta contra o racismo, o machismo, a homofobia e tantas outras opressões. Muita gente já não aguenta explicar. Conheço mulheres que estão cansadas e com raiva – e têm todo o direito de estar. Quantas não foram traumatizadas, violentadas e desrespeitadas e já não têm disposição para dizer o mesmo tantas vezes? Ninguém tem a obrigação de introduzir os outros nos fundamentos básicos dos movimentos ativistas. Mas o caminho deve ser desimpedido para aqueles que estiverem dispostos a fazê-lo.

Existem mulheres negras, brancas, morenas, latinas, asiáticas, indianas, indígenas. Existem engenheiras, donas de casa, prostitutas, senadoras, artistas, executivas, atrizes. Há mulheres cegas, surdas, mudas. Mulheres bipolares, deprimidas, suicidas, ansiosas. Mulheres trans, binárias,

não binárias, intersexo. Existem lésbicas, bissexuais, aromânticas, pansexuais, assexuais. Mulheres que têm três orgasmos por dia e mulheres que nunca tiveram nenhum. Mulheres que usam muita maquiagem, mulheres que não suportam batom, que não fazem manicure, que nunca apanham sol; mulheres que colocam silicone e que fazem mil cirurgias plásticas.

Existem mulheres que escolhem dedicar as suas vidas aos seus filhos e mulheres que não têm nenhum desejo de começar uma família. Há mulheres que gostam de comédia romântica, outras que gostam de filmes de terror e outras que não gostam de cinema. Mulheres que se vestem de preto e mulheres que preferem rosa. Existem mulheres cristãs, ateias, budistas, islâmicas. Há mulheres que não são ativistas, que nunca ouviram falar de feminismo, que nunca discutiram racismo. Mulheres que lutam de formas diferentes, a partir de ideias que não conhecemos. Existem mulheres que têm vergonha de compartilhar as suas escolhas por medo de serem julgadas. E existem mulheres que discordam de tudo o que eu disse até aqui.

São tantas as mulheres diferentes no mundo que eu poderia continuar para sempre. Cada uma tem a sua própria história, e acredito que todas elas merecem ser ouvidas e representadas. A minha abordagem será abrangente, deixando as pessoas confortáveis para conhecer o movimento feminista e as suas vertentes, convidando todos os que dividem comigo essa ideia de liberdade a celebrar a diversidade do ser humano. Pode entrar, sente-se onde quiser, beba um café. Estão todos convidados.

Corpo

A história do corpo feminino é também a história de um domínio no qual os simples critérios da estética já são reveladores: a exigência tradicional por uma beleza sempre “pudica”, virginal e vigiada impôs-se por muito tempo, antes que se afirmassem libertações decisivas repercutidas nas formas e nos perfis, movimentos mais aceites, sorrisos mais expansivos, corpos mais desnudos.

(História do corpo, vol. 1, organizado por Georges Vigarello)

O controlo sobre o corpo feminino está presente na nossa cultura de uma forma tão constante e profunda que na maior parte do tempo nem sequer percebemos a sua existência. Existe um padrão de perfeição física muito cruel, e o efeito disso nas mulheres é devastador. **A mulher, ao longo da sua vida, é levada a acreditar, conscientemente ou não, que só pode ter verdadeiro sucesso se for bonita.** Inteligência e talento parecem não fazer diferença alguma quando os meios de comunicação só se interessam em criticar a sua escolha de roupas, o esmero na depilação e a sensualidade da silhueta. A primeira coisa avaliada em qualquer mulher é sempre a beleza.

O que eu proponho nas ilustrações do projeto *Mulheres* é desconstruir essa ideia. Não há uma única forma de ser bonita nem a beleza deveria ser o foco da autoestima feminina. Ninguém deveria ser constantemente avaliado pela aparência a partir de um padrão de exclusão, e essa pressão tem de acabar. Depilação, elegância, dietas, maquiagem: tudo isto é escolha, e não obrigação. No nosso corpo, quem manda somos nós.



ALANNA TEM UMA GRANDE
MARCA DE NASCENÇA NO PESCOÇO
E PASSOU A ADOLESCÊNCIA INTEIRA A
TENTAR **ESCONDÊ-LA.**



MAS **ALANNA** APRENDEU A **RELAXAR**
E ATUALMENTE A SUA MARCA JÁ NÃO LHE
CAUSA NENHUM **DESCONFORTO!**

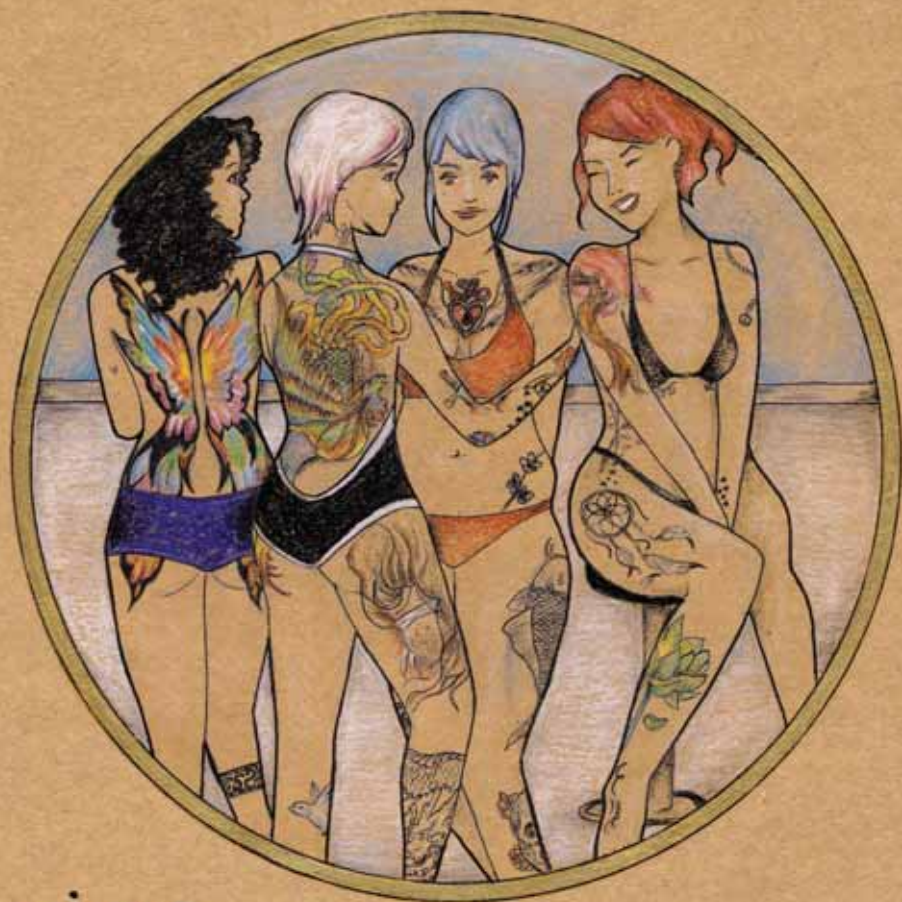
AMANDA DECIDIU QUE DEPILAR-SE
NÃO É COM ELA.



AMANDA, O CORPO É TEU E FAZES
O QUE QUISERES DELE. NENHUMA
CONVENÇÃO SOCIAL DEVE CONTROLAR O TEU
AMOR-PRÓPRIO!

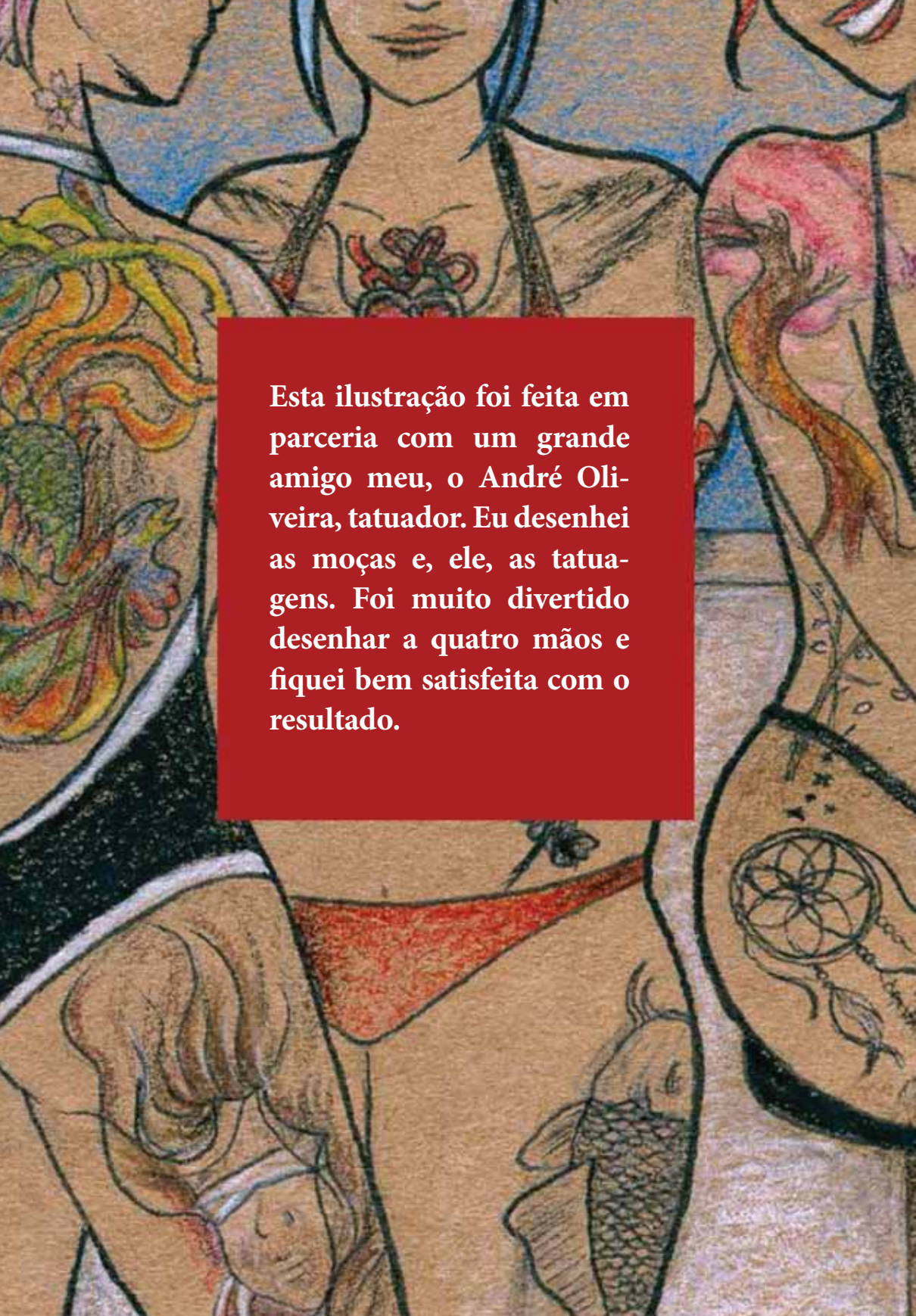
ANDREIA,
TAINÁ, LIZ
& LUANA

TÊM VÁRIAS TATUAGENS E JÁ
OUVIRAM POR AÍ QUE ESTAS SÃO
SINAL DE **PROMISCUIDADE...**



MENINAS,
NÃO LIGUEM, NÃO.

PODEM TATUAR-SE COMO QUISEREM
E **DORMIR** COM QUEM QUISEREM,
QUE AS TATUAGENS CONTINUARÃO SEM
QUALQUER LIGAÇÃO À VOSSA VIDA SEXUAL.

A vibrant, hand-drawn illustration on a textured, light-brown background. It depicts several women from the waist up, each with unique and colorful tattoos. One woman on the left has a large, multi-colored parrot tattoo on her upper arm. Another woman in the center has a red and black floral tattoo on her chest. To the right, a woman has a pink and orange tattoo that looks like a stylized animal or figure. Below her, another woman has a black and white fish tattoo on her arm. In the bottom right corner, a woman has a black and white dreamcatcher tattoo on her arm. The style is expressive and artistic, using bold black outlines and a variety of colors like blue, red, yellow, green, and pink. A solid red rectangular box is overlaid in the center of the image, containing white text.

Esta ilustração foi feita em parceria com um grande amigo meu, o André Oliveira, tatuador. Eu desenhei as moças e, ele, as tatuagens. Foi muito divertido desenhar a quatro mãos e fiquei bem satisfeita com o resultado.

CLARISSA JÁ NÃO AGUENTA OUVIR PIADAS
SOBRE "LOIRAS BURRAS" NAS REUNIÕES DE
FAMÍLIA.



PARECE QUE ALGUMAS PESSOAS TÊM UM **PRAZER**
ESPECIAL EM SER **DESRESPEITOSAS** COM
OS OUTROS SOB A **MÁSCARA** DO **HUMOR**,
NÃO É, **CLARISSA?** QUEM SABE UM DIA
PERCEBAM QUE JÁ **NINGUÉM** SE ESTÁ A RIR.

DÉBORA ADORA OS SEUS SEIOS
PEQUENOS E DANIELA PREFERIU
COLOCAR 300ML DE SILICONE.



MENINAS,
A DECISÃO É VOSSA!
O IMPORTANTE É SENTIREM-SE
BEM COM O VOSSO CORPO!

MESMO NÃO GOSTANDO DE APANHAR SOL,
FLORA ESTÁ SEMPRE A OUVIR QUE DEVERIA
BRONZEAR-SE PARA NÃO PARECER
DOENTE.



FLORA, NÃO TENS NENHUMA OBRIGAÇÃO DE
AGRADAR O OLHAR ALHEIO FAZENDO O
QUE NÃO GOSTAS. DO TEU **CORPO**,
QUEM CUIDA É **TU!**

GABRIELA É HALTEROFILISTA

E ESTÁ SEMPRE A OUVIR AOS OUTROS QUE
ESTÁ A "ESTRAGAR O CORPO."



GABRIELA, IGNORA QUEM TENTAR
FAZER-TE SENTIR MAL POR SEGUIRES
OS TEUS SONHOS. O CORPO É
TEU, QUEM TEM DE GOSTAR
DELE É **TU!**